

Homens e mulheres de papel ou como se faz um “bom” gaúcho: desconstruindo a desigualdade de gênero na gauchesca de Barbosa Lessa - *Os Guaxos* (1959)¹

Jocelito Zalla

Resumo: O objetivo do presente artigo é analisar os papéis de gênero expressos no romance *Os Guaxos* (1959), de Luiz Carlos Barbosa Lessa. A análise indica que o autor constrói o gaúcho ideal enquanto “homem” contra modelos de ser mulher, mas também contra papéis marginais de masculinidade.

Palavras-chave: Gênero. Identidade regional. Gauchismo. Tradição.

Abstract: The objective of this work is in such a way to analyze the expressed papers of gender in the novel “Os Guaxos”, published by Luiz Carlos Barbosa Lessa in 1959. The analysis indicates that the author constructs the ideal “gaúcho” as a “man” against female models, but also against marginal male papers.

Key-words: Gender. Regional identity. “Gauchismo”. Tradition.

Jocelito Zalla. Licenciado e bacharel em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Cursa mestrado em História na mesma instituição, com projeto sobre a invenção do tradicionalismo gaúcho a partir da biografia de seu principal teórico, Luiz Carlos Barbosa Lessa. (jzalla@terra.com.br).

¹ Texto recebido: 14/11/2008.
Texto aprovado: 01/12/2008.

E se fôssemos de papel? Talvez a fragilidade da matéria não contivesse a complexidade do espírito. Talvez a finitude do concreto não limitasse os liames do porvir. O absurdo da pergunta exige um condescendente exercício de imaginação. Aqueles e aquelas que aceitassem a brincadeira talvez chegassem à conclusão de que homens e mulheres de papel são tão plenos de vida quanto homens e mulheres do delírio, dos quais, com pretensa arrogância, pensamos ser criadores/as e senhores/as. Convivemos com homens e mulheres de papel; discutimos acerca de homens e mulheres de papel; disputamos homens e mulheres de papel; construímos e reconstruímos homens e mulheres de papel, para assim construir e reconstruir a nós mesmos. Por fim, sonhamos ser, no fim de tudo, homens e mulheres de papel, que deixam, como no ideal grego, seu legado na memória de homens e de mulheres de carne.

Este trabalho trata de homens e mulheres de papel. Para tanto, proponho um estudo de *Os Guaxos*, de Luiz Carlos Barbosa Lessa, publicado em 1959, visando analisar as representações de gênero nesse romance, que é o primeiro texto de fôlego do autor regionalista e militante-fundador do Movimento Tradicionalista no Rio Grande do Sul. Tais representações permitem pensar nos padrões de masculinidade e de feminilidade presentes no processo de invenção das tradições gaúchas e, ainda, suas relações hierárquicas. A pergunta que nos cabe responder é: de que forma os homens e as mulheres de papel de Lessa são construídos enquanto “homens” e “mulheres”? Originariamente, este estudo pretendia refletir sobre a construção social do gaúcho enquanto modelo de identidade masculina. Nesse sentido, é preciso concordar com a proposta de Daniel Welzer-Lang e conceber o termo “homem” como uma categoria sócio-sexuada, integrante de um sistema social de sexo caracterizado por um funcionamento dialético das relações sociais entre os sexos.² Essa asserção, contudo,

² WELZER-LANG, Daniel. Os homens e o masculino. In.: SCHPUN, Mônica (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, p. 108.

aponta para a necessidade de tomar como foco de investigação o próprio sistema social de sexos, representado no Rio Grande do Sul, entre outros discursos, pela literatura identitária regionalista, dita “gauchesca”. É necessário, para isso, recuperar brevemente as conceituações clássicas do termo “gênero” na teoria social, bem como sua ênfase no aspecto relacional. Conforme aponta Joan Scott, evitando uma produção centrada de forma demasiadamente estreita nas mulheres, os estudos feministas introduziram a noção relacional por meio da categoria “gênero”, para mostrar como homens e mulheres eram definidos em termos recíprocos e, corolariamente, apontar para a impossibilidade de compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado.³ Portanto, o objetivo da análise aqui proposta é o de desconstruir as formas como o masculino e o feminino são elaborados em suas relações recíprocas, por meio da compreensão dos efeitos das relações sociais de sexo nas representações e nas práticas masculinas e femininas.⁴ Isso não significa, porém, tomar o binômio masculino/feminino como constante universal e, assim, naturalizá-lo como a única relação possível.⁵ Ao contrário, para que a desconstrução e a historicização das relações de gênero tenham o desejado efeito político-pedagógico de emancipação⁶, devemos atentar para as diferentes maneiras de subjetivação do masculino e do feminino, correspondente a diferentes padrões de subjetividade em conflito. Esse será meu objetivo principal.

O presente artigo pode ser dividido em três momentos: primeiramente, indico as premissas teórico-metodológicas que fundamentam a leitura do texto de Barbosa Lessa; em seguida, trato da reconstrução do gauchismo pelo tradicionalismo, identificando como esse modelo de identidade regional se constitui enquanto modelo de identidade de gênero - principalmente, do masculino; finalmente, analiso os

³ SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 72.

⁴ Estendo, assim, às representações do feminino a proposta de Welzer-Lang. WELZER-LANG, Daniel. *Op. cit.*, p.113.

⁵ Ver a crítica de Joan Scott aos modelos de interpretação baseados numa aceção psicanalítica e tributária dos trabalhos de Lacan. SCOTT, Joan. *Op. cit.*, p. 83-84. A naturalização do binômio masculino/feminino pela produção feminista é para Linda Nicholson fruto do que denominamos “fundacionismo biológico”. Ver NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 8, n. 2, 2000, p. 10-41.

⁶ Sobre o comprometimento político da teoria social moderna com a idéia e a prática da transformação social emancipatória e de seu resgate pelo que denomina “teoria crítica da pós-modernidade”, ver as considerações de Boaventura de Souza Santos. (SANTOS, Boaventura de Souza. *A crítica da razão indolente*. São Paulo: Cortez, 2000, *parim passim*).

diferentes padrões de conduta masculino e feminino delineados pelo autor. A estratégia narrativa não pretende privilegiar a análise dos modelos de masculinidade, mas cumprir com duas funções: primeiro, a de acompanhar a própria estrutura narrativa do romance, em que Barbosa Lessa apresenta os “guaxos” e demais gaúchos que protagonizam a trama; segundo, a de apontar para a hipótese norteadora deste trabalho, qual seja, a de que o autor segue um modelo andro-heterocentrado⁷ nesse romance e em sua proposta de reformulação do gauchismo.

⁷ Como aponta Daniel Welzer-Lang, “o duplo paradigma naturalista que, por um lado, define a superioridade masculina em relação às mulheres, e, por outro lado, rege o que deve ser a sexualidade masculina resulta na produção de uma norma política andro-heterocentrada e homófoba que nos diz o que deve ser o homem *de verdade*, o homem normal”. Note-se que o normal é construído como viril, ativo e dominante e, com isso, aspira a privilégios de gênero. WELZER-LANG, Daniel. *Op. cit.*, p.121.

“Invenções significativas” – e generificadas: considerações teórico-metodológicas

Enquanto análise histórica de uma narrativa literária, este estudo visa contextualizar o texto de Barbosa Lessa. De onde o autor fala, como fala e para quem fala? Escrita em um momento marcado pela militância no nascente Movimento Tradicionalista gaúcho, a produção literária do autor deve ser lida como um empenho político para a (re)construção teórica de um gaúcho arquetípico, que deveria fundamentar e regular as práticas sociais de novos atores, comprometidos com o projeto tradicionalista. De outro lado, a leitura histórica permite ultrapassar os debates internos de determinado grupo e situá-los num contexto sócio-intelectual mais amplo. Podemos, assim, avaliar os condicionantes externos no processo de constituição do próprio grupo - quem compunha sua alteridade? Como dirigir-se a ela? – e, desse modo, acessar o complexo embate simbólico travado entre sujeitos diversos no período estudado. Portanto, o primeiro passo para reencontrar a historicidade da narrativa literária é, assim como fez Skinner com tratados filosóficos, abordá-la como um artefato de intervenção política do autor em um contexto sócio-intelectual determinado.⁸

⁸ Ver SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Ao focar a análise no momento de produção do texto, chegamos a outra premissa teórico-metodológica que ilumina o presente trabalho: a historicidade da narrativa encontra-se no processo de significação. Portanto, interesse-me pelas maneiras como a gauchesca produz um sistema simbólico que, por sua vez, informa a ação de atores contemporâneos. Isso evita o erro comumente cometido pela historiografia literária do Rio Grande do Sul de buscar supostas raízes históricas do gaúcho mítico em um gentílico social de um passado remoto. Nunca é demais lembrar as insistentes lições de Georges Dumézil contra o que denominou “interpretação literal” do mito. No que pese sua abordagem puramente teórica e hipotética⁹, o autor mostra que considerar o mito como mero resquício (deturpado) de um evento histórico passado é uma solução simples, que negligencia as funções sociais da narrativa mítica na ordem coetânea.¹⁰ Com essa preleção em mente, podemos avançar a discussão e partir para a recuperação da formulação de “invenção significativa”, de Robert Darnton. Ao analisar a narrativa de um jovem tipógrafo francês do Antigo Regime, Nicolas Contat, sobre um massacre de gatos, empreendido por ele e seus companheiros de ofício, o autor indica as dificuldades em estabelecer a veracidade do evento narrado. Darnton aponta, então, para a possibilidade de ler a narrativa como uma ficção ou invenção significativa, já que o relato de Contat compartilha a característica de outras narrativas (como a literária, poderíamos acrescentar), qual seja, a inscrição da ação numa estrutura referencial que “supõe um certo repertório de associações e respostas, da parte de sua audiência, e proporciona uma forma significativa à matéria-prima da experiência”. Extrapolada para a narrativa literária, essa noção evidencia, de um lado, os objetivos deliberados de significação de uma fabricação ficcional e, de outro, a necessária inscrição dos eventos narrados numa

⁹ Tal perspectiva, segundo Patrícia Boulhosa, acabou por enfatizar modelos e estruturas gerais que tenderam a descontextualizar o material analisado por Dumézil. (BOULHOSA, Patrícia Pires. *A mitologia escandinava de Georges Dumézil: uma reflexão sobre método e improbabilidade*. *Brathair*. n. 6, v. 2, 2006, p. 3-31. Disponível em: www.brathair.com).

¹⁰ DUMÉZIL, Georges. *Les dieux des germains: essai sur la formation de la religion scandinave*. Paris: Presses Universitaires de France, 1959.

estrutura significativa mais ampla e compartilhada entre narrador e leitor/interlocutor. Isto nos permite desenvolver o que Darnton denomina *explication de texte* etnológica¹¹, ou seja, o acesso crítico ao sistema de significados presentes no texto para recuperar representações e práticas sociais.

A proposta de Joan Scott para a conceituação do termo “gênero” como categoria analítica também leva em conta o processo de significação. A autora entende por sistemas de significados os “modos pelos quais as sociedades representam o gênero e servem-se dele para articular as regras de relações sociais ou para construir o significado da experiência”.¹² É nesse sentido que ela compreende todo sistema de significados como generificado e, assim, predica, a historiadores e historiadoras, a atenção às maneiras como tais sistemas são construídos: “Sem significado, não há experiência; sem processo de significação, não há significado”.¹³ O gênero deve ser entendido, então, como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”, mas também enquanto “uma forma primária de dar significado às relações de poder”.¹⁴ Sendo assim, entendo que as representações sociais que operam na construção da identidade regional são também estabelecidas a partir de um conjunto de referências de gênero que “estruturam a percepção e a organização concreta de toda a vida social”.¹⁵

Em obra clássica da sociologia do conhecimento, Peter Berger e Thomas Luckmann abordam o processo de institucionalização de práticas sociais, hábitos e modelos de conduta. É importante notar que, seguindo apontamentos sociológicos de autores canônicos como Marx e Durkheim, Berger e Luckmann ainda predicam uma anterioridade primária às práticas sociais em relação às representações sociais, por eles denominadas “tipificações”. A repetição da prática institui o hábito, que, por sua vez, por meio da exteriorização de significados objetivos, estabelece

¹¹ DARTON, Robert. *O grande massacre dos gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006, p. 107.

¹² SCOTT, Joan. *Op. cit.*, p. 82.

¹³ *Ibidem.*

¹⁴ *Ibidem*, p. 86.

¹⁵ SCOTT, Joan. *Op. cit.*, p. 88.

padrões e modelos de conduta que operam via tipificações. Cabe ressaltar que, para os autores, esta precedência ocorreria apenas no momento inicial, pois a construção da realidade objetiva é vista por eles como um processo dialético entre o conhecimento estabelecido sobre a sociedade e, podemos dizer, a sociedade estabelecida pelo conhecimento. Por conhecimento, entendemos tudo aquilo que se constitui na troca social e que é transmitido de geração em geração como normatividade, ou seja, saberes sobre o mundo institucional, então experimentado como realidade histórica e objetiva. O conhecimento teórico é considerado, pelos autores, apenas uma pequena parte daquilo que uma sociedade concebe como conhecimento. Em um nível pré-teórico, toda instituição tem um corpo de conhecimento transmitido como receita. Nesse sentido, é ele quem define e constrói “papéis” que devem ser desempenhados e quem controla e prediz os modelos de conduta: “Sendo esse conhecimento socialmente objetivado como conhecimento, isto é, como um corpo de verdades universalmente válidas sobre a realidade, qualquer desvio radical da ordem institucional toma caráter de um afastamento da realidade.”¹⁶

Poderíamos aproximar a noção de conhecimento pré-teórico de outras categorias contemporâneas correntes na teoria social que foram também formuladas como um “sistema de signos construído socialmente” e que prenunciam tanto o Pós-estruturalismo quanto a chamada Nova História Cultural – por exemplo: “imaginário”, “cultura”, ou mesmo “senso comum”.¹⁷ Justo Serna e Anaclet Pons consideram Berger e Luckmann, entre outros teóricos, precursores do “giro cultural” (ou lingüístico) ocorrido nos anos setenta na teoria social¹⁸; movimento que possibilita a emergência das perspectivas historiográficas, respectivamente, de Scott e Darnton. É a ênfase na esfera simbólica, portanto, que me faz crer ser possível cruzar a leitura de Berger e Luckmann

¹⁶ BERGER, Peter L., LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade*. Tratado de Sociologia do Conhecimento. Petrópolis: Vozes: 1973, p. 93.

¹⁷ Para o termo “imaginário”, ver o verbete de Bronislaw Baczko para a *Enciclopédia Einaudi*. BACZKO, Bronislaw. Imaginário Social. In.: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. V. 5. Uma conceituação clássica de “cultura” como sistema de signos é a apresentada por Clifford Geertz. (GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989). Robert Darnton considera “senso comum” uma elaboração social da realidade que expressa a base comum de uma determinada ordem social. Ver DARNTON, Robert. *Op. cit.*, p. 39.

¹⁸ SERNA, Justo, PONS, Anaclet. *La Historia Cultural*: autores, obras y lugares. Madrid: Akal, 2005, p. 13-14.

com o conceito de gênero de Joan Scott e com a noção de invenção significativa de Robert Darnton. Como vimos, a construção social da realidade é feita a partir de categorias que remetem a definições de masculino e de feminino. A conexão entre os autores fundamenta metodologicamente o tratamento que operacionalizo no estudo do texto de Barbosa Lessa: ao entender a gauchesca como uma “invenção significativa e generificada”, ou seja, enquanto fonte para a instituição de um sistema simbólico normativo, identífico, na obra do tradicionalista, papéis sociais masculinos e femininos, em suas variadas relações. Assim, alguns personagens são considerados enquanto representativos de modelos de conduta, na medida em que são caracterizados pelo autor a partir de conjuntos determinados e relativamente coesos de signos valorados positiva ou negativamente. Berger e Luckmann apontam, ainda, que a construção de tipologias de papéis é um correlato necessário da institucionalização da conduta: “Ao desempenhar papéis, o indivíduo participa de um mundo social. Ao interiorizar estes papéis, o mesmo mundo torna-se subjetivamente real para ele”.¹⁹ Para resumir, meu estudo trata de como a obra *Os Guaxos* contribui para a institucionalização da diferença de gênero como norma social no seio do novo gauchismo, em um momento em que o debate intelectual sobre a figura do gaúcho é retomado.

O gaúcho é macho!: o novo modelo de identidade regional e o antigo modelo de identidade de gênero – a (re)construção da masculinidade dominante

Parto da hipótese de que, nas décadas de 1940 e de 1950, verifica-se uma reformulação e uma intensa disputa sobre a identidade sul-rio-grandense e a figura mítica do gaúcho.²⁰ Vejamos como Barbosa Lessa participa desse cenário. Nascido na pequena cidade de Piratini em 1929, aos 16 anos, Luiz Carlos Barbosa

¹⁹ BERGER, Peter L., LUCKMANN, Thomas. *Op. cit.*, p. 103.

²⁰ Gilda Bittencourt aponta a existência de quatro regionalismos na literatura rio-grandense: “um romântico, que idealizou o herói gaúcho e o passado guerreiro; um tradicional, de cunho real/naturalista, que fixou as transformações da sociedade campeira e o desaparecimento do antigo gaúcho; um, que se propôs a transformar a tradição sob o influxo do modernismo como base no modelo de Simões Lopes Neto, e um regionalismo que podemos chamar de crítico ou social, na medida que denunciou a desestruturalização da sociedade campeira e a proletarianização do gaúcho”. Todos, no entanto, tomam como centro a figura do gaúcho e a figuração da campanha como espaço ficcional. (BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. *O conto sul-rio-grandense: tradição e modernidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999, p. 21-22).

Lessa chega à capital do Rio Grande do Sul para terminar seus estudos secundários. Em 1947, começa a colaborar com a Revista do Globo, escrevendo reportagens esporadicamente. Entre assuntos diversos, o autor publica artigos de temática gauchesca. Após um relativo hiato no debate intelectual sobre a figura do gaúcho e a identidade social nele baseada²¹, abrem-se novas brechas para a discussão e forma-se uma nova receptividade, tanto no meio letrado, quanto no público leitor da classe média urbana, para o então esquecido habitante da pampa rural. Dois movimentos mais amplos propiciam o retorno da questão regional: primeiro, o fim do Estado Novo, que havia posto fogo nas bandeiras estaduais como símbolo do projeto de integração política, econômica e cultural do país – era possível então recuperar novamente os signos do regional sem os mesmos medos de retaliação; segundo, a nova configuração política e ideológica do pós-guerra. Junto com a aceleração dos processos de urbanização e desenvolvimento do capitalismo nas regiões periféricas, fenômenos associados com o advento da chamada “modernidade”, houve uma pressão por parte do novo pólo dominante do Ocidente por uma maior integração cultural, a partir, claro, de seus padrões de viver e consumir. O *american way of life* é o grande produto de exportação dos Estados Unidos e, com sua difusão, inicia-se um processo de homogeneização cultural do bloco oeste. Segundo o crítico literário Ángel Rama, a reativação do problema regional na América Latina deu-se como reação aos processos de modernização.²²

Portanto, algo de novo acontecia nas décadas de 1940 e 1950, o que tornava possível a recuperação dos signos regionais e a reformulação da identidade cultural do Rio Grande do Sul, a partir de uma retomada de antigos mitos e arquétipos da literatura regionalista do final do século XIX e das primeiras décadas do XX. Porém, o regionalismo literário ressurgiu na multiplicidade. Diferentes projetos e

²¹ Luís Augusto Fischer mostra como os anos trinta representaram na literatura produzida no Rio Grande do Sul a marginalidade do regionalismo. O autor denomina o período como “Era Erico Veríssimo”, para mostrar a hegemonia do romance urbano. A literatura regionalista na década de trinta resume-se à publicação de “Charqueada”, de Pedro Wayne, em 1937, e da produção de Aureliano de Figueiredo Pinto publicada somente nas décadas seguintes (o romance “Memórias do Coronel Falcão”, que teria sido escrito ainda na década de trinta, fora editado e publicado postumamente no distante ano de 1973). Ver FISCHER, Luís Augusto. *Literatura Gaúcha*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004, p. 81-86.

²² RAMA, Ángel. Religiões, culturas e literaturas. In.: AGUIAR, Flávio, VASCONCELOS, Sandra. *Literatura e Cultura na América Latina*. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 291.

modelos de literatura retomam o gaúcho rural e disputam sua reformulação. Cyro Martins critica o ufanismo da literatura regionalista clássica e retira o gaúcho de cima do cavalo – arquétipo, segundo ele, descolado da realidade social contemporânea – e pretende, com isso, denunciar a pobreza que o processo de modernização trazia ao habitante do Estado. Erico Veríssimo, por seu turno, esquece o romance urbano para falar da história do homem da pampa na trilogia *O tempo e o vento*. Barbosa Lessa representa, então, uma via renovada do regionalismo clássico, sem o elemento saudosista, mas recolocando o gaúcho no lombo do cavalo. No mesmo ano em que Lessa publica seus primeiros textos sobre a figura do gaúcho mítico na Revista do Globo, um grupo composto inicialmente por oito estudantes do Colégio Júlio de Castilhos toma uma centelha da pira da pátria durante as comemorações da independência do Brasil e a cultiva até o dia 20 de setembro, data simbólica por rememorar a “Revolução Farroupilha”, de 1835. Era o início das celebrações do gaúcho pelo movimento que se denominaria Tradicionalismo. Barbosa Lessa se junta ao grupo e, a partir do *35 Centro de Tradições Gaúchas*, fundado em 1948, desenvolve diversas atividades: pesquisa folclórica, composição de músicas e poesias, redação de textos para os informativos da nova entidade; além disso, participa ativamente da criação e da consolidação das instituições e instâncias deliberativas do movimento. A literatura regionalista de Barbosa Lessa seria o desenvolvimento lógico de seu envolvimento no novo projeto identitário representado pelo Tradicionalismo.

Se o momento foi marcado por uma reelaboração e por uma discussão acerca da identidade regional, é possível que o pensemos também como um período de tensão entre subjetividades novas e práticas de gênero alimentadas por antigos estereótipos. No debate em torno da identidade regional, tradicionalmente marcada pelos padrões dominantes

de masculinidade viril, encontramos subjacente o complexo jogo entre modelos de ser homem. Durval Muniz de Albuquerque Jr. e Rodrigo Ceballos delineiam o tipo regional nordestino, elaborado pela produção discursiva do começo do século XX: uma figura masculina, forte, valente e viril. Logo, a nordestinidade está diretamente relacionada com a masculinidade: “Ser nordestino é ser ‘macho’”, dizem os autores.²³ É possível traçar um paralelo entre a construção da identidade regional do Nordeste e do Sul, uma vez que o gauchismo elaborou seu modelo de ser homem por meio da exaltação da bravura, do heroísmo e da força, que remetem ao guerreiro farroupilha; ao desbravador europeu, que teria enfrentado as agruras do ambiente hostil; e, inclusive, ao índio nômade, que vivia em liberdade, peleando pelos domínios da pampa. Ao juntar a isso a submissão do cavalo (animal de porte másculo) ao seu forte senhor, teremos, então, a figura do “centauro da pampa”. Esse modelo de identidade regional, que é também um modelo de masculinidade (e, pela via negativa, como veremos, um modelo de feminilidade), é a base da literatura regionalista de Barbosa Lessa.

Enfim, ao texto...

Em 1958, Barbosa Lessa percorreu o país com uma peça de teatro chamada *Não te Assusta Zacaria*. Alternando-as com diálogos, os atores encenavam danças tradicionais reconstituídas pelo estudioso e declamavam poesias de sua autoria, agora já difundidas pelos diversos CTGs que surgiam pelo Estado. O texto dramático foi desenvolvido até a concepção de *Os Guaxos*, romance que é ainda hoje considerado a maior obra do autor, tendo recebido, em 1959, o Prêmio Nacional de Romance da Academia Brasileira de Letras. De alguma forma, esse texto representa o amadurecimento de teses anteriores e da visão literária expressa em artigos publicados na Revista do Globo

²³ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz, CEBALLOS, Rodrigo. Trilhas Urbanas, Armadilhas Humanas: a construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no Nordeste brasileiro dos anos 1970 e 1980. In.: SCHPUN, Mônica (Org.). *Op. cit.*, p. 136.

²⁴ Rubens de Barcellos e Moysés Vellinho (sob o pseudônimo de Paulo Arinos) travaram, em 1925, debate público nas páginas do jornal “Correio do Povo” sobre o gaúcho como tipo social a partir da literatura de Alcides Maya. Vellinho atacava Maya pelo elemento saudosista e por identificar em sua produção literária um canto da decadência e da morte. Segundo ele, tal postura impossibilitaria identificar o espírito cívico do gaúcho que permaneceria vivo mesmo nos cidadãos. Barcellos defendia Maya ao apontar que o advento da modernidade e das novas relações sociais, mudaram também os costumes e, assim, morria o gaúcho como tipo representativo baseado em tais relações e costumes. O textos de Vellinho e Barcellos foram compilados por Flávio Loureiro Chaves no livro: *O ensaio literário no Rio Grande do Sul*. São Paulo: Ao Livro Técnico, 1978.

²⁵ BARBOSA LESSA, Luiz Carlos. Tropeiros. *Revista do Globo*. Porto Alegre, 10 maio de 1947, p. 28.

²⁶ Na hierarquia da estância, o “sota-capataz” ocupa lugar logo abaixo do “capataz”, ou seja, do chefe dos peões escolhido pelo patrão (proprietário). Nos atuais Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), o termo designa, geralmente, a função de secretário, enquanto que capataz designa a função de vice-presidente.

na década de 1940 e, em especial, na reportagem intitulada “Tropeiros”, de maio de 1947. Nessa, Barbosa Lessa toma posição no debate sobre a possibilidade de uma literatura regionalista, baseada na antiga figura do gaúcho, que, como tipo social, estaria em vias de extinção.²⁴ O autor aposta suas fichas no “tropeiro”; segundo ele, um dos últimos exemplares do legítimo gaúcho rural. O tropeiro vivia ainda nos recônditos do Estado e, como o gaúcho mítico, percorria as distâncias em liberdade no lombo de seu cavalo.²⁵ Não por acaso, *Os Guaxos* – palavra que designa o terneiro criado sem o leite materno, ou seja, o desgarrado, o errante sem raízes – começa com o retorno de um grupo de tropeiros do sul do Rio Grande do Sul às terras de seu patrão, em um contexto temporal situado entre a Revolução Federalista de 1893 e as primeiras décadas do século XX.

Junto com a descrição da tropeada, Barbosa Lessa apresenta os peões nela envolvidos. Aqui nos deteremos em quatro personagens que representam diferentes formas de subjetividade masculina: o negro Garibaldi; Vírsio, o sotacapataz²⁶ da Estância Azul; seu irmão Nérsio; e Zacaria, o protagonista. O negro Garibaldi é apresentado como um peão de caráter duvidoso. Logo no início da narrativa, é responsável pelo primeiro conflito entre modelos de conduta: o do homem marginal e marginalizado pela pobreza e cor da pele, e também pela moral dúbia, e o do homem que poderíamos chamar de gaúcho ideal: branco, forte, inteligente, habilidoso, comprometido com o trabalho e de moral retilínea. Na última noite de pouso à beira da estrada, Garibaldi pede a Vírsio licença para visitar o prostíbulo das redondezas, o Rancherio do Passo. O último demonstra estranhamento e indignação pelo desleixo de Garibaldi com os afazeres da tropeada. Mas, contraditoriamente, o mesmo Vírsio celebra o “tutano” do “crioulo”, pois, depois da cansativa jornada de trabalho, ainda se “atizava pensando em chinaredos”. E, com a

admiração, vem a liberação, mas com a seguinte ressalva: “Está bem, mas eu mando te capar se tu não estiver esperando a gente na chegada do Passo”.²⁷

Podemos pensar em dois elementos a partir da passagem: primeiro, a ética do trabalho, segundo, o elogio da virilidade. É bem visto aquele homem que não desvia de sua função em favor do divertimento, mas também é bem visto aquele que tem “tutano” para, depois de uma dura jornada, se entregar aos prazeres da carne. Interessante notar que a valorização da sexualidade viril é capaz de apaziguar as más impressões do desvio da ética do trabalho. E mais, ainda que soe como brincadeira, a ameaça de Vírsio demonstra que não existe, para o gaúcho, castigo pior que a castração, ou seja, a perda da virilidade. Mas a tensão entre os dois elementos não pára por aí. A ética do trabalho aparece imbricada com um sentido de retidão moral, que conflita com a valorização da sexualidade viril. Garibaldi, no prostíbulo, não se importa em gastar todo o dinheiro do trabalho por uma noite de fartura sexual: “E que houvesse agora cancha, muita canha, para estender o seu manto de monarca. Pouco se importava que depois chegasse à estância sem um vintém na guaiaca. Naquele resto de noite ele seria um ricaço!”²⁸ Um ricaço que, no dia-a-dia, jamais passaria de um coitado, pois não fazia do trabalho a fonte para a estabilidade, não planejava o futuro, nem constituía família, apenas vivia e, quando muito, nos poucos momentos em que o recebimento do soldo permitia, vivia em exuberância: “...na estância o viam como um peão inferior. Rachar lenha, por exemplo, era incomodação só dele ou do negro velho Simão. Os dois, uns porqueiras. Ele, um traste”.²⁹

A marginalidade de Garibaldi é inscrita no físico: “... a luz incidiu na cara dele. Que sensação de nojo! Aquele único olho a gente nunca sabia para onde é que estava olhando. E o que havia sido outrora um olho – marcado agora pela cicatriz do longo talho – parece que, à luz, se mexia”. O autor continua: “E

²⁷ BARBOSA LESSA, Luiz Carlos. *Os gaúchos*. Porto Alegre: Alcance, 2005, p. 15.

²⁸ *Ibidem*, p. 16.

²⁹ *Ibidem*.

também a roxa beijorra, a cara esborrachada e o corpanzil pançudo irradiavam uma atração de cascavel”.³⁰ Se Garibaldi representa um modelo de homem marginal e, portanto, o lado fraco da relação homem/homem, não deixa de ser o pólo forte da relação homem/mulher. Quando chega no Ranchario do Passo, causa terror:

³⁰ *Ibidem*, p. 18.

Sabiam que Garibaldi perdera um olho não em guerra, nem em revolução, nem em duelo de machos. Diante dos homens era acovardado e humilde. E por isso mesmo é que se saciava judiando de pobres coitadas. Até que uma noite – elas sabiam – uma china cansada de tanta maldade apanhara sua própria adaga e o golpeara na cabeça enquanto ele dormia. Por um triz escapara da morte, mas o aleijão ficara para sempre.³¹

³¹ *Ibidem*, p. 19-20.

Ainda que exista uma clara condenação da violência contra a mulher, a passagem demonstra outro aspecto da dominação masculina: o violador é punido, mas existiria punição pior do que ser submetido ao jugo do sexo frágil? Garibaldi foi duplamente castigado: fisicamente, com o corte no rosto, e simbolicamente, pela inversão da hierarquia homem/mulher no ato de violência praticado pela “china”.

Vírsio, por sua vez, é o oposto de Garibaldi. Apareceu na estância do velho Meirelles na companhia do irmão, Nérsio, pedindo abrigo. Acabou por revelar maestria nas lidas do campo e sentou paragem:

Vivaracho, aprendeu logo e aí pelo quarto dia já batia os veteranos na quantidade de fichas. Trabalhador como um mouro, era o primeiro a pegar e lá seguia – nhec-nhec! nem sesteava! – até o dia anoitecer. Sorridente, prestativo, delicado, bonachão, foi conquistando amizade.³²

³² *Ibidem*, p. 59.

Vírsio é bravo, é corajoso, é forte; contudo, é delicado, bonachão prestativo e sorridente. Delicadeza não significa, para o autor, a perda da masculinidade.

Ao contrário, quando denotada a um macho de inegável estirpe, é considerada um atributo positivo, ligado à alegria de bem viver, ao sorriso fácil como fácil é a conquista das amizades. Vírsio é, ainda, dedicado, trabalhador e honrado. Fez valer a confiança depositada pelo patrão e se tornou o responsável pelas tropeadas. Não é dado a vícios e, sendo jovem, torna-se alvo da atenção das moças das redondezas. Peão ideal, seria também marido e pai ideal, capaz de prover a família em todas suas necessidades e de honrar a esposa.

Se o Negro Garibaldi é o inverso de Vírsio, Nérsio é o seu arremedo: “meio guri e meio gente, cara espinhenta, desengonçado de nascença e ainda mais derreado agora como tropeiro de primeira viagem”.³³ Magro, fraco, desajeitado, ele é incapaz de domar potro bravo, laçar gado bravo ou mesmo tosquear ovelha. Condenado à sombra de seu irmão jamais será peão, jamais será gaúcho, jamais será inteiramente homem. Já em sua primeira aparição na narrativa é comparado por Zacaria com seu matungo³⁴ “lerdo, velho e tropicão”: “Puxa, guri, tu vem pior que o meu cavalo!”.³⁵ Assim como o Negro Garibaldi, a marginalidade de Nérsio é corporificada. Em última instância, não passará de um “guri”, protótipo de homem que nunca completará seu desenvolvimento. Não que não tente. E como tenta! A veia cômica do autor se manifesta na chacota do “piá”. Acompanhamos, então, as empreitadas de Nérsio para tornar-se um peão respeitável – em situações onde o ridículo é a norma.

Mas Zacaria resolve ajudar o “guri”. Contratado por Juca Meirelles, dono da Estância Azul, para domar alguns cavalos xucros, o protagonista exige que Nérsio seja cedido como seu ajudante. Apesar dos protestos do patrão, ele segue com Zacaria para, enfim, aprender as lidas campeiras. Após muitas tentativas atrapalhadas, é lhe concedido um certo reconhecimento - ainda que como coadjuvante - por parte dos companheiros

³³ *Ibidem*, p. 23.

³⁴ Cavalo sem raça.

³⁵ *Ibidem*, p. 26.

³⁶ *Ibidem*, p. 159.

³⁷ Note-se que a “meia-canha” é uma das “danças gaúchas” recolhidas e reconstituídas por Barbosa Lessa e João Carlos D’Ávila Paixão Côrtes em suas pesquisas folclóricas no interior do estado entre os anos de 1950 a 1952. Foi publicada no “Manual de Danças Tradicionais”, em 1956.

³⁸ *Ibidem*, p. 244.

em virtude de uma bela gineteada realizada por Zacaria: “Aplausos também para o Nérsio! Por primeira vez na vida o guri se sentiu macho – embora branco de medo!”.³⁶ Para ser macho, Nérsio tinha que ser um bom e corajoso peão, submetendo-se a provas públicas junto aos outros peões. Mas a aceitação só parece efetiva no final da narrativa, quando Nérsio, o irmão enfeitado, desafia Vírsio publicamente. Na festa de casamento de Zacaria, Nérsio convida a todos para dançar a “meia-canha”, dança essa em que os pares se desafiam mutuamente ou declaram sua paixão declamando pequenas quadras.³⁷ O jovem peão, rejeitado por todas as moças, acaba sem par. Durante toda a dança tem seus protestos ignorados até que explode em um surto de indignação e tenta impor-se aos demais: “Está muito lindo isso, mas a questão é que eu não quero ficar de fora. Também quero dizer versos. De qualquer jeito”. A surpresa de todos é geral e, diante da rebeldia, Vírsio logo surge para repreendê-lo: “Mas tu não vê que não tem mais moça, guri?”. E dá-se finalmente o enfrentamento: “Vê como fala: guri, não”. À porta do rancho, dois peões que acompanhavam tudo comentam com uma ponta de orgulho: “Tem vontade firme o nosso rapaz!”, diz Solano. Severo complementa: “É macho!”.³⁸

Após a comprovação de que poderia desempenhar o trabalho de peão na estância (não sem muitos tropeços e percalços) e de que, se necessário, se imporá enquanto homem frente a um gaúcho de grande valia como Vírsio, Nérsio finalmente ascende na consideração dos pares. Não é mais guri, é rapaz. É corajoso, é macho; logo, é gaúcho. Nérsio prova que pode desempenhar o papel de gênero dominante e, com isso, desloca-se de um modelo de masculinidade marginal para o modelo dominante representado pelo gaúcho homem, forte, valente e trabalhador. O outro personagem, cuja odisséia centra-se na elevação ao padrão dominante de masculinidade, é o protagonista da história, Zacaria, apresentado inicialmente como

um “Moço sem rancho nem família, seu cavalo era como que uma espécie de irmão”.³⁹ Um gaúcho errante que, assim como Garibaldi, é incapaz de sentar praça e constituir família:

³⁹ *Ibidem*, p. 21.

...Zacaria já perdera a conta dos cavalos de estampa e raça que tivera entre seus joelhos fortes e sob o controle de seus punhos de aço. Mas, isto, só na hora do perigo, na fúria da doma, na ameaça das quedas fatais. Uma vez domado o pingo, ele dava um abano em despedida ao dono, rindo de contente em cima do cavalo agora manso e lindoço... e lá se ia rumo a outra estância no seu matunguinho perna torta, lerdo, velho, tropicão, maceta, que uma alma boa um dia lhe presenteara por não saber o que fazer com aquilo.⁴⁰

⁴⁰ *Ibidem*.

Mas a vida de andarilho que Zacaria leva é também uma vida de incertezas: sem chão, sem teto e sem rumo. Após criar fama como domador, cansa-se da vida errante e pede abrigo no lugar onde fora criado como piá agregado, a Estância Azul do velho Meirelles. Nela, postula ascender ao posto de capataz da nova internada que o patrão planeja abrir nas terras “do fundo”. Numa noite de trova à beira do fogo de chão no galpão da estância, Zacaria deixa entrever seus planos aos demais peões. Na roda de chimarrão, o elogio do gaúcho errante aparece facilmente como motivo de cantos e trovas. Nosso protagonista, então, denota sua insatisfação: “...Um homem sem raiz na terra não vale nada”.⁴¹ Diante do silêncio, Gateado, peão que acabaria por deixar a lida na estância para “ganhar mundo”, responde a Zacaria: “Um homem, quando vale, vale por si, não precisa de terra”. Aquele esclarece: “Quando eu falo em terra, moço, não digo chão, pasto, capim.” E continua: “...digo rancho, esposa e filho.”

⁴¹ *Ibidem*, p. 17.

A narrativa de Barbosa Lessa centra-se na difícil, e às vezes divertida, luta de Zacaria para deixar de ser um desgarrado e tornar-se um peão de estância, ou

seja, largar uma vida sem futuro e conquistar estabilidade e reconhecimento. Zacaria afasta-se de Garibaldi para se aproximar-se de Vírsio. Mais que isso: quer tornar-se um Vírsio (um homem) completo, casado e pai de família. Junto com as idas e vindas para convencer o velho Meirelles a ceder-lhe o posto de capataz da internada do fundo, acompanhamos os preparativos de seu casamento, antes mesmo do anúncio da “prenda” escolhida. Não é difícil imaginar qual o modelo de mulher para o gaúcho ideal... Zacaria pede a mão de Celita, filha de um dos capatazes da Estância Azul, que é assim descrita pelo narrador:

Não era propriamente uma moça bonita. Mesmo porque a vida trabalhosa no posto não lhe deixava muito tempo para enfeitar-se, atarefada que estava sempre com a cozinha, a tábua de bater roupa, o galinheiro, o chiqueiro, a horta. Mas, se por um lado aquele modo de viver lhe diminuía a delicadeza da aparência física, por outra parte lhe dera um corpo rijo e uma saúde extrema. Era, positivamente, uma cabloca saudável – da estirpe daquelas gaúchas que nos tempos bravos de outrora ficavam dirigindo sozinhas uma estância ou um poso enquanto os parentes machos pelejavam na guerra. Não um bibelô de enfeito. Mas mulher para parir filhos de bronze.⁴²

⁴² *Ibidem*, p. 109.

Para o bom marido, a esposa perfeita: trabalhadora e ótima parideira. A mulher ideal de Barbosa Lessa é inspirada, em parte, nos padrões clássicos de gênero feminino: mãe, esposa, dona de casa. Não é, porém, necessariamente, a mulher delicada, porque há que ter força para dar conta dos afazeres do campo e para cuidar do marido guerreiro. Beleza, assim, é fator secundário diante de tantas virtudes domésticas. Pois tal atributo (a beleza física) cabe mesmo à mulher fácil, sem chão nem rumo, à china do Passo ou à amásia do patrão. Se o homem guaxo não tem lá uma sina recomendável, ao menos é homem; se honesto e “respeitador”, é também respeitável. Já à mulher

“desgarrada” resta a exclusão social. Tudinha, moça jovem bonita e branca, é questionada por Garibaldi no Rancherio do Passo: “Como é que tu veio parar aqui?”. Pensativa, “como se quisesse entregar à fatalidade a culpa de tudo aquilo”, responde: “Sina de guaxa...”.⁴³

⁴³ *Ibidem*, p. 20.

Guaxa também era Sia Bela, amásia de Juca Meirelles. Com a morte de sua esposa, Sia Bela muda-se para a casa do patrão. Oficialmente governanta, é tratada por todos como a nova dona da Estância Azul. Mas a ilusão não dura muito. Pressionado por seu filho, o velho Meirelles manda Sia Bela para uma pequena chácara nos limites de suas terras. A bonita senhora de porte outrora altivo é relegada também aos limites da vida social. Cai em desgraça e é renegada por todos. De patroa à china em um piscar de olhos, é a duras penas que consegue novamente ser aceita nas salas de visitas e nas rodas de chimarrão das redondezas. Mas tem que provar que não é china “rameira”. Para isso, afirma-se sobre os velhos padrões de mulher respeitável: boa dona de casa, “trabalhadeira”, servil e, claro, moralmente íntegra. Não se ouve falar que Sia Bela tenha novos amores. Assim, reconquista sua honra e, com isso, suas antigas relações: “Prestativa, sempre pronta para ajudar nisto ou naquilo quando havia precisão – e descobertos os seus excepcionais dotes de quituteira e doceira -, terminou readquirindo a afeição de todo mundo”.⁴⁴

⁴⁴ *Ibidem*, p. 54.

Guaxa também era Ruana. Adotada por Sia Bela, cresceu na Estância com Zacaria, Celita e os filhos dos posteiros. A beleza rara dava seu nome: cabelos castanhos alourados e pele morena lembravam uma “egüinha escura com as crinas claras”.⁴⁵ Mas o destino não tardaria e, se escapara de tornar-se prostituta, caíra, como a mãe adotiva, nos braços do patrão. Todavia, moça tão bonita e guaxa de sina não serve para prenda do lar. Quando Zacaria retorna à Estância Azul, retém alguns segundos comparando a visão de Ruana à de Zefinha, filha de outro posteiro e espécie de

⁴⁵ *Ibidem*, p. 55.

governanta da casa: “A não ser o fato de ambas serem jovens, tudo o mais se contrastava”. A diferenciação entre os dois tipos, representados por Ruana e Zefinha, a guaxa e a mulher prendada, também é evidente no corpo: “Ruana, de tez acablocada e olhos oblíquos, com muito sangue índio a lhe correr nas veias (mas que sangue seria o dos cabelos tão claros)?”; já Zefinha tem a “tez muito branca”, mas não se sabe se por herança ou pela recusa do sol, “sempre enfiada com seus afazeres domésticos ou se entretendo com costuras e crochês”. O corpo condiciona a postura: “Ruana, dona de si, não tinha pejo de lançar o busto pra frente, atrevido; Zefinha, sob o peso dos preconceitos ou dos conselhos maternos, parecia envergonhada dos seios e os escondia encurvando levemente as costas”. E a postura se manifesta novamente no corpo: “Ruana, ao rir, ria com todo o corpo, e seus cabelos, caídos abaixo dos ombros, dançavam com reflexos dourados. Zefinha, ao rir, ria timidamente, como se o corpo não devesse mais compartilhar dos estados de alma”. Como não poderia deixar de ser, de comportamentos tão diversos e contrários, o vestiário expressa as sinas opostas: Ruana, a voluptuosa e exuberante guaxa, traja um “vestido vermelho cujo decote, amplo, deixa à mostra, tentadora, a covinha dos seios”; e Zefinha, a casta e pudica moça de família e futura prenda do lar, usa “trajes de quem lida todo o dia e com uma blusa de cor cinza encobrindo recatadamente busto e braços, até os punhos”. Zacaria conclui: “Ruana, sorrindo, era a própria tentação. Zefinha, sorrindo, toda ela era ternura”⁴⁶.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 70-71.

⁴⁷ Lessa faz referência à lenda recolhida por João Simões Lopes Neto e publicada em 1913 no conto intitulado “A Salamanca do Jarau” do livro “Lendas do Sul”. (LOPES NETO, Simões. *Lendas do Sul*. Pelotas: Echenique & C. Editores, 1913).

Pois a tentação se instalara no corpo da guaxa. Ainda criança, Zacaria ouvira de Tia Velha a lenda da Teiniaguá, princesa moura transformada em lagartixa, que enfeitiçara um sacristão, desviando-o de sua vida moralmente correta. Ambos viviam no Cerro do Jarau; ele tristonho, ela, dona dos encantos do amor, disposta a condenar outros pobres desavisados⁴⁷: “Ela

é o pecado-mulher. Homem que vai ao Jarau fica cego de seus olhos. Pois a mulher-teiniaguá só traz desgraça para um homem”.⁴⁸ Em outra passagem, o narrador fala de histórias e lendas em que a mulher feiticeira faz dos homens seu joguete: “Nos olhos de cada mulher há um pouquinho do feitiço da Salamanca do Jarau. Umhas têm mais, outras menos. Saber fugir ao feitiço é a grande sorte dos homens”.⁴⁹ Em sua batalha para deixar de ser guaxo e tornar-se gaúcho, Zacaria teria que enfrentar os perigos da teiniaguá Ruana. Ela é a tentação e o obstáculo que se coloca entre ele e seu futuro como posteiro: “O sonho de amar Ruana é pesadelo que volta, é sonho entregue nas mãos de quem não posso acordar, mas preciso resistir!, pela fuga-esquecimento, mas como esquecer tal boca? aquele corpo inteirinho?”. Celita, a moça prendada, ao contrário, é a garantia do futuro digno: “então preciso fugir, fugindo lembro Celita, quero prender-me a Celita como meus joelhos grudam durante as domas fatais, ninguém me fará cair nesta doma de mim próprio, estou domando a mim mesmo!”. E vaticina: “preciso é Celita e a terra, nem Ruana nem planície, mas esse corpo lo-maula é Teiniaguá, tem feitiço, é Teiniaguá de calor. Quero te amar, terra morna!”.⁵⁰ A vontade de sentar praça e constituir família é mais forte, e Zacaria resiste à provação. Ruana não era mulher para esposa. Sua sina se confirma quando abandona o patrão e foge sem rumo com Gateado, um dos guaxos da Estância Azul, para correr mundo estrada afora:

...ela não tinha culpa de ter crescido guaxa, de ter o destino de china, mas se o destino dela era ser china que ao menos o cumprisse no meio do pampa onde havia ar, no alto das coxilhas onde havia luz, nos braços de um homem que não fosse patrão nem servo mas um ser irmão cuja alma respondesse ao calor de seu corpo e desse calor de carne à sua própria alma já quase entorpecida de frio.⁵¹

⁴⁸ *Ibidem*, p. 52.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 91.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 181.

⁵¹ *Ibidem*, p. 190.

Celita, Sia Bela, Zefinha e Ruana encarnam diferentes papéis de feminilidade que, grosso modo, ocupam lugares distintos numa escala valorativa entre dois modelos de ser mulher: a “mulher guaxa”, com sina de china, e a “mulher prendada”, esposa e mãe. O segundo é o ideal, a regra, o desejado; o primeiro é mais do que marginal, é o da exclusão, do ostracismo social. Ainda assim, todas são mulheres, todas são teiniaguás. Umais mais, outras menos, como salienta o narrador. E por isso mesmo, maior o mérito daquelas que conseguem suprimir sua natureza de feiticeira de homens. Ruana cedeu ao destino. Mas, ao invés da condenação, obteve a fatalidade. Era para ser assim. Sia Bela lutou para renegar a mesma sorte. Teve que provar que não era china, mas uma respeitosa senhora do lar, a custa de novos amores. Deixou de ser mulher para ser somente esposa de um marido inexistente. Já Zefinha e Celita contaram com o amparo de famílias tradicionais estruturadas que lhe garantiram vida decente. A valorização do patriarcado é evidenciada logo no começo da narrativa: nos tempos antigos da Estância Azul, o Coronel solicitara ao posteiro Lauro Freire que sua filha, Elvirinha, servisse de criada na casa grande; esse, de prontidão responde: “Desculpe, patrão, mas, enquanto houver um Freire-macho para sustentar a casa, Freire-mulher não trabalha de peona”.⁵² Nascidas e criadas com pai provedor e mãe zelosa, Zefinha e Celita têm nela um exemplo bonito. No entanto, há uma diferenciação entre elas. Enquanto Zefinha é frágil, tímida e envergonhada de si e de seu corpo, Celita não é um “bibelô de enfeito”: é forte, preparada para as tarefas mais duras da casa e possui um corpo apropriado para parir gaúchos robustos.

Ambas são mulheres; e mulheres esperam: “Esperam a volta dos tropeiros, hoje, como outrora esperavam a volta dos combates”. A subordinação ao homem não pára por aí. A mulher gaúcha é o “elemento passivo – como a terra – a quem não cabe uma palavra de queixume ou gesto de revolta”. É a

⁵² *Ibidem*, p. 38.

sina de todas: “Se assim é, foi porque o destino quis”.⁵³

⁵³ *Ibidem*, p. 90.

No entanto, o autor deixa brechas para outra interpretação: “Mas esta religião fatalista jamais impôs que as mulheres se sentissem indefesas e, de antemão, derrotadas. Cada uma deve tirar e descobrir dentro de si a força que possui”.⁵⁴ Ao passo que todas são iguais, são também todas diferentes. Na diferença, elas podem encontrar sua força – no domínio das lidas domésticas, no domínio do amor ou no domínio da vida, mas é na igualdade que brota a força específica de cada uma delas. Tia Velha, por exemplo, é temida por todos, pois faz mandingas, benzeduras, cura doenças, protege as plantas e, se quiser, cria paixões: “E os homens todos, na estância, sabem que essa velha escrava – um pobre traste – tem mais força que eles próprios. Tem força porque é mulher. Mexe os cordões do destino. Só as mulheres têm tal força”.⁵⁵ É essa força que se manifesta mais em Celita do que em Zefinha.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 91

⁵⁵ *Ibidem*.

Portanto, é inegável que existe, na narrativa, uma valorização dessa mulher forte e, conseqüentemente, de toda as mulheres. Ainda que parta de padrões tradicionais de feminilidade, Barbosa Lessa os reconfigura, para dar à mulher gaúcha um espaço no mito tão grande quanto o que as novas prendas deveriam ocupar nos CTGs. O elemento da passividade é identificado na mulher em uma relação com o macho ativo. Isso não significa que ela não desempenhe papéis importantes na ordem social. Para tanto, são necessárias a força física e também a força mística que toda mulher emana naturalmente. Barbosa Lessa permite, não só às mulheres prendadas, mas também às bravas, como as farroupilhas de outrora, uma postura socialmente forte. Em função disso, ainda, algumas mulheres são mais valorizadas do que outras, ou, ao contrário, são mais marginalizadas. Assim, o autor constrói um novo modelo dominante, diferenciado daquele da feminilidade unicamente passiva (ainda que bebendo em caracteres bastante

tradicionalis), mas ainda um modelo dominante, ou seja, que prediz o bom e o correto e, com isso, deprecia formas diferenciadas de subjetividade feminina. Outro ponto a destacar é que mesmo a valorização de atributos de força, coragem ou bravura nesse modelo tem um limite bem definido: a manutenção da ordem social. Aquela que questiona aberta ou tacitamente tal ordem só pode ter o destino da guaxa: a exclusão. Nessa ordem, homens e mulheres devem cumprir, então, seus papéis e funções específicas. Mesmo Celita sabe que, em preparo de churrasco, “mulher não é chamada”.⁵⁶ Ela é forte, mas é ainda o modelo de “mulher prendada”, esposa e mãe; é o suporte do homem, mas nunca o substitui. O sustento da família, ou seja, o âmbito do trabalho remunerado, continua na esfera masculina, assim como os afazeres do lar são próprios da esfera feminina.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 196.

Considerações finais

Meu esforço foi o de analisar e desconstruir as formas com que modelos e papéis de gênero são elaborados discursivamente, considerando o texto literário como uma invenção significativa e generificada. Para tanto, procurei evidenciar como o sistema simbólico de gênero representado pela gauchesca tradicionalista condiciona relações sociais desiguais. Para fazer tal crítica, é preciso assumir a postura de Joan Scott e reconhecer que tanto “homem” quanto “mulher” são, ao mesmo tempo, “categorias vazias e transbordantes”. Explica ela: “Vazias, porque não têm nenhum significado último, transcendente. Transbordantes, porque mesmo quando parecem estar fixadas, ainda contêm dentro delas definições alternativas, negadas ou suprimidas”.⁵⁷ Conforme visto, as representações de gênero no romance de Barbosa Lessa cumprem com as necessidades de um momento de reformulação identitária. Sendo assim, o autor recria não somente

⁵⁷ SCOTT, Joan. *Op. cit.*, p. 93.

um modelo de identidade regional, mas também um modelo de identidade de gênero; resgata a figura mítica do gaúcho da literatura regionalista precedente e acaba por afirmar padrões tradicionais de ser homem. Inspira-se também em padrões tradicionais para formular o modelo ideal da mulher gaúcha, porém valoriza atributos reservados outrora apenas aos homens, como a força e a coragem. Para um gaúcho ideal - bravo, corajoso, forte, bonachão, prestativo, trabalhador e pai provedor – a “prenda” ideal - mãe, esposa, dona de casa, trabalhadora, forte e boa parideira. O binômio masculino/feminino que sustenta a lógica narrativa de Barbosa Lessa é aquele que predica ao primeiro pólo os privilégios da diferença. Nessa relação, o homem é a norma. Mas para construir a verdadeira norma, o homem dominante, viril e forte, Lessa contrapõe a ela outros modelos de ser homem. Segundo afirmação de Daniel Welzer Lang, “por mais que seja um homem, um dominante, cada homem é por sua vez submetido às hierarquias masculinas”.⁵⁸

Portanto, para fazer Vírsios e Zacarias, são necessários muitos rascunhos de Nérsios ou de Garibaldis, de Celitas ou de Ruanas. Conforme Guacira Lopes Louro, paradoxalmente, os sujeitos marginalizados continuam necessários, pois “servem para circunscrever os contornos daqueles que são normais e que, de fato, se constituem nos sujeitos que importam”.⁵⁹ O Homem de papel, com H maiúsculo, de Barbosa Lessa, isto é, o gaúcho que deveria se tornar o homem de carne dos novos CTGs, é esboçado em relação à “prenda” ideal e também em detrimento daqueles homens e mulheres, digamos, de papel carbono, cujo potencial didático do negativo é o principal motivo que os salvam da tirania da borracha do tempo.

⁵⁸ WELZER-LANG, Daniel. *Op. cit.*, p. 123.

⁵⁹ LOURO, Guacira Lopes. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria *queer* como políticas do conhecimento. In.: LOPES, Denilson *et al.*. *Imagem e Diversidade Sexual: estudos de homocultura*: São Paulo: Nojosa Edições, 2004, p. 27.

Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz; CEBALLOS, Rodrigo. Trilhas Urbanas, Armadilhas Humanas: a construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no Nordeste brasileiro dos anos 1970 e 1980. In: SCHPUN, Mônica (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, pp. 129-150.

BARBOSA LESSA, Luiz Carlos. *Os guaxos*. Porto Alegre: Alcance, 2005.

_____. Tropeiros. *Revista do Globo*. Porto Alegre, 10 de maio de 1947, p. 28.

BERGER, Peter L., LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*: Tratado de Sociologia do Conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1973.

BACZKO, Bronislaw. Imaginário Social. In.: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. v. 5.

BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. *O conto sul-riograndense*: tradição e modernidade. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

CHAVES, Flávio Loureiro. *O ensaio literário no Rio Grande do Sul*. São Paulo: Ao Livro Técnico, 1978.

BOULHOSA, Patrícia Pires. A mitologia escandinava de Georges Dumézil: uma reflexão sobre método e improbabilidade. *Brathair*. n. 6, v. 2, 2006, p. 3-31. Disponível em: www.brathair.com.

DARTON, Robert. *O grande massacre dos gatos*: e outros episódios da história cultural francesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DUMÉZIL, Georges. *Les dieux des germains: essai sur la formation de la religion scandinave*. Paris: Presses Universitaires de France, 1959.

FISCHER, Luís Augusto. *Literatura gaúcha*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LOPES NETO, Simões. *Lendas do Sul*. Pelotas: Echenique & C. Editores, 1913.

LOURO, Guacira Lopes. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria *queer* como políticas do conhecimento. In: LOPES, Denilson *et al. Imagem e diversidade sexual: estudos de homocultura*: São Paulo: Nojosa Edições, 2004, p. 23-28.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 8, n. 2, 2000, p. 10-41.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A crítica da razão indolente*. São Paulo: Cortez, 2000.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99.

RAMA, Ángel. Religiões, culturas e literaturas. In: AGUIAR, Flávio, VASCONCELOS, Sandra. *Literatura e Cultura na América Latina*. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 281-336.

SERNA, Justo, PONS, Analet. *La Historia Cultural: autores, obras y lugares*. Madrid: Akal, 2005.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

WELZER-LANG, Daniel. Os homens e o masculino. In: SCHPUN, Mônica (Org). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, p. 107-128.